

Quarteto Camões e Dejan Ivanovich

O Lugar do Tempo

13/07 · sáb · 17h00 · Mosteiro de Alcobaca · Celeiro

NON STOP

Programa

Felix Mendelssohn (1809–1847)
Quarteto n.º6 em fá menor, Op. 80 (1847)
I. *Allegro vivace assai*
II. *Allegro assai*
III. *Adagio*
IV. *Finale: Allegro molto*

Eurico Carrapatoso (1962–)
Quinteto “Dar templo ao tempo”, Op. 79 (2022)
“*Dar tempo ao templo*” – lento | vivo
“*Aria*” – lento, cantabile
“*Ay! Luna que reluces, toda la noche me alumbres*” –
lento
“*Aria*” – lento, cantabile
“*Dar templo ao tempo*” – lento | vivo

Nuria Nuñez Hierro (1980–)
*Cartografias Intangibles (2023)**

Giacomo Puccini (1858–1924)
Crisantemi (1890)

*Estreia em Portugal

Ficha artística

Quarteto Camões
Pedro Meireles e Tomás Costa, *violino*
Ricardo Mateus, *viola*
Martin Henneken, *violoncelo*

Dejan Ivanovich, *guitarra*

O Quarteto Camões têm o apoio de



É expressamente proibida a captação de imagens e som durante o espetáculo.
Desligue o telemóvel, desfrute e grave na sua memória.
Poderá rever os melhores momentos no website e nas redes sociais Cistermúsica.

Notas de programa

Felix Mendelssohn – *Quarteto n.º 6 em fá menor, Op. 80 (1847)*

Ao longo da obra deste compositor sente-se uma paixão dramática, um crepitar nervoso, tenso, ansioso, pronto a explodir. Mas no *Quarteto n.º 6 em fá menor*, Op. 80, o último quarteto de cordas completo de Mendelssohn, o clima de angústia paira implacavelmente em três dos quatro movimentos, terminando com uma tempestade virtuosa.

Neste ponto da sua vida, Mendelssohn era famoso e bem-sucedido, mas estava sobrecarregado, exausto e necessitava desesperadamente de descanso e recuperação. Chegou a notícia de que Fanny, sua querida irmã e alma gémea intelectual, morrera repentinamente. Devastado, Mendelssohn retirou-se para umas férias com amigos na Suíça e compôs o seu último quarteto dedicado à memória dela. Dois meses depois, seguiria o destino da irmã, do pai e do avô, morrendo aos 38 anos.

Ao redor da música do andamento lento, há três movimentos crepitantes. O primeiro é uma sonata de suspense com todo o esplendor nervoso da melhor música de Mendelssohn, que remonta às suas obras-primas de infância. Aqui, como em muitos lugares do quarteto, ouve-se a influência de Bach e Beethoven em texturas contrapontísticas que habilmente se entrelaçam, ocasionalmente sobressaindo em bordas nuas e expostas. O implacável impulso para a frente atinge o final da forma sonata como um trem imparável e acelerado. O *scherzo* não traz nenhum alívio, ao contrário dos seus *scherzi*, marca registrada de leve agilidade. O trio é silencioso e enigmático, com rumores sussurrados subitamente superados pela violenta tempestade em primeiro plano.

O movimento lento traz um repouso bem-vindo com um exemplo final das doces canções sem palavras de Mendelssohn, uma terna manifestação de amor com uma graça lírica.

O final restaura o pânico generalizado do quarteto como um todo. Inquietas, dissonantes, cortantes e crescentes, ondas agudas de música elevam-se acima de algumas pequenas ilhas de repouso lírico rapidamente submersas por um mar musculado cortado pelo grito de um violino crescente, frenético com figurações loucas.

Será este quarteto um reflexo da vida pessoal de Mendelssohn, uma história de desespero relativamente à morte da sua irmã, um diário de pavor escrito enquanto a sua vida se deteriorava?

Eurico Carrapatoso – *Quinteto “Dar templo ao tempo”, Op. 79 (2022)*

“Dar templo ao tempo” – pequeno improvisado à *propos*

Gesto

Deploro o tempo de negócio em que nos mergulharam, que nos retira o direito ao ócio e nos transforma, à viva força, em potros de competição, dispostos em linha de

montagem. Bem precisamos de dar templo ao tempo, de lhe dar espaço vital. Mas que seja um espaço sagrado, onde o tempo possa respirar. E dar-lhe paramento, olhando obliquamente para os queridos mestres de uma nobreza antiga, de um passado distante: o tempo nostálgico da viola de mão castelhana, acolhendo-os em meu seio com mimo, gorjeira e galgo.

Desconverso? Não.

A minha mundividência é marcada por Alvites. Alvites é a terra onde nasci e me criei. Esta obra toma raiz nessa pequena aldeia transmontana, ali bem pertinho de Castilla y León. Bem sei que a música não imita a vida. Bem sei que não é mimésis, estando emancipada da natureza que a rodeia e para além dela: não é rural nem urbana, antes pelo contrário. É feita de substância incorpórea, isso sim: de versos imaginários, de acordes, de estrofes e de ritmos. E mesmo que os temas possam, por vezes, parecê-lo, é de música apenas que se trata, na sua essência etérea e autónoma. Não cheira a terra seca nem molhada. Não sabe a pão centeio nem a pão charrão. Não soa ao regougar da raposa nem ao canto da carriça. Não é áspera como a urtiga nem sedosa como o pêlo da lebre. Compreendem-se tais sinestésias. Mas não passam de fantasias.

Ainda assim, e dito isto, não resisto a voltar lá trás: Alvites porque Alvites *demeure*. O chão é vital, sagrado, marca de mundividência. É templo. Foi aqui que pressenti o templo que havia de dar ao tempo. E foi aqui que meus pais me ensinaram a dar tempo ao templo, respeitando o seu arfar que cicía.

Quando lá regresso e acordo, abro a janela do meu quarto. Entre mim e o sol que nasce sempre esteve, está e estará a mesma serra: a Serra de Bornes, de Montemel como lhe chamavam os antigos. A aldeia está no baixo-relevo da minha vida.

Não sendo suposto imitá-la, trago-a, contudo, ao colo do meu mimo, pois é a minha harpa eólica, plena de fragrância a Outono e a arçã. Por Alvites hipnotizado, vou ao sabor do vento com o *doppler* dos sinos no pensamento. Dela parece emanar poesia: paisagem metamorfoseada em pedra e cores mil, consoante as estações do ano, da primavera pintalgada de flores e freixos cabeludos a berrar verde selvagem, do outono dos castanhos-mel e dos vermelhos irados, do inverno roxo de frios verdeais e outros madurais. E o estio? Calor de amarelos na ondulação tão encantatória das searas, quimera de um tempo de canícula, onde, como Lorca decantou, “el buey cierra sus ojos lentamente nel calor de establo”. É na alucinação desse tempo que racha as fragas que melhor vislumbro as glórias e desventuras desta passagem pelo mundo.

Música:

Macroformalmente, a peça é um palíndromo dividido em cinco andamentos, com várias correspondências entre si no gesto e na palavra:

“Dar tempo ao templo” – lento | vivo

“Aria” – lento, cantabile

“Ay! Luna que reluces, toda la noche me alumbres” – lento

“Aria” – lento, cantabile

“Dar templo ao tempo” – lento | vivo

Um conjunto que se arquiteta no padrão A B C B A, a minha dileta forma em ponte.

Façonestaobraumaretrospectivadegestosrepresentativos da minha produção ao longo destes últimos trinta anos de atividade criativa ininterrupta, desde o elemento um pouco mais façanhudo que campeia nos andamentos periféricos (*ma non tanto*), até à tendência que se tem afirmado nos últimos tempos para um caráter mais sóbrio e enxuto, como é patente na simplicidade do andamento central que começa com um solo etéreo de guitarra, o eixo de simetria deste políptico. Uma música com nostalgia errante de um tempo perdido, à procura dele, com gorjeira e galgo, que evoca Dulcinea del Toboso “señora de mi alma, día de mi noche, gloria de mis penas, norte de mis caminos” (como se um D. Quixote ali cantasse o eterno feminino, acompanhado por um alaúde imaginário que geme nessa tépida sombra nocturna “ay! luna que reluces, toda la noche me alumbres” em seus acordes antiquíssimos). Enfim, passando por essa diagonal que atravessa a minha música desde que achei a minha voz tão bem significada no segundo e quarto andamentos, lentos e introspectivos: o 2.º andamento é dorido e espesso, marcado pela cor pungente da melodia da guitarra que contamina o timbre do próprio quarteto; e o 4.º andamento, solar, que faz esperar o violoncelo, onde o violino e a viola se enredam enamorados numa textura cheia de ar e espaço vital, penteados por arpejos de uma guitarra que segreda *de profundis*.

Foi por aqui, na alucinação desse tempo a que se deu templo, que vislumbrei lidadores, doces infantas com magra figura de vitral, silhuetas (umas taurinas, outras minotaurinas), grifos e águias bicéfalas, mais um séquito de leões rampantes e tristes que bramem glórias e desventuras.

Eurico Carrapatoso

Nuria Nuñez Hierro – *Cartografías Intangibles* (2023)

A peça faz parte de um pequeno ciclo de trabalhos denominado *Cartografías desde mi sala de estar* que integra peças que orbitam conceptualmente em torno do conceito de cartografia, como um mapa sobre o qual se desenvolvem movimentos e itinerâncias individuais. Nos últimos anos, o meu trabalho também tem sido impregnado por um interesse no funcionamento biológico de organismos coletivos, como abelhas ou estorninhos. No caso das *Cartografías Intangíveis*, ambos os conceitos se unem para criar uma peça que se inspira nos caminhos entrelaçados construídos pelas formigas, cuja construção depende das trocas metabólicas entre os insetos e o meio ambiente. Estas redes traçam uma cartografia sonora do imaginário, geometrias vivas no tempo que dão coordenadas à nossa audição, possibilitando a criação de uma vasta rede de conexões formais que ficam fixadas na memória de cada ouvinte.

Nuria Núñez Hierro

Giacomo Puccini – *Crisantemi* (1890)

Composto de súbito, na noite de 18 de janeiro de 1890, após Puccini saber da morte de seu amigo Amedeo di Savoia (Amedeo Ferdinando Maria di Savoia, Duque d’Aosta, Rei Amadeu I de Espanha, filho do Rei de Itália, Vittorio Emanuele II).

Puccini a princípio não deu muita importância à composição, a não ser pelo caráter privado, mesmo que ela tenha sido bisada em sua primeira audição, uma semana depois de composta, em Milão. Mas a Casa Ricordi se apressou a editar a partitura e a peça virou um sucesso.

E assim, Puccini aproveitaria os temas de *Crisantemi* no final da ópera na qual trabalhava na época: *Manon Lescaut*.

Biografias



Quarteto Camões

Fundado em 2014, o Quarteto Camões, sediado em Portugal, reúne quatro músicos com vincada formação na música de câmara no panorama nacional e

internacional, assim como na área do ensino, onde todos têm uma carreira de relevo.

Através do desejo comum de divulgar a música portuguesa como seu alicerce fundamental, não esquece o grande repertório para essa formação, passando pela 1.ª escola de Viena, essencial para o desenvolvimento do gosto e estética próprios desta formação.

A comunhão e energia deste agrupamento congrega o público em torno das suas interpretações arrebatadoras.

Ao longo da sua carreira o Quarteto Camões tem-se apresentado em Portugal e no estrangeiro, integrado em alguns dos Festivais com maior destaque no panorama ibérico.



Dejan Ivanovich

O guitarrista croata Dejan Ivanovich nasceu em Tuzla (Bósnia e Herzegovina), em 1976, iniciando os seus estudos de guitarra com 8 anos de idade. Estudou com Predrag Stanković e Vojislav Ivanovich na Escola Primária e Secundária de Música, e com Darko Petrinjak na Academia de Música de Zagreb. Participou em

masterclasses de John Duarte, Thomas Müller-Pering, Elliot Fisk, Costas Cotsiolis, Valter Dešpalj (violoncelo), Michael Steinkühler (viola da gamba) e Igor Lešnik (percussão). Foi orientado por Christopher Bochmann no Curso de Doutoramento da Universidade de Évora entre 2011 e 2014. A sua carreira profissional começou simultaneamente com o estudo superior (1994–1998).

Atuou nalguns dos mais prestigiosos festivais de música como Festival de Spoleto (convidado pessoalmente pelo maestro Gian Carlo Menotti para o lugar de Artista Residente), Festival de Verão de Edimburgo, Festival de Costa de Estoril, Festival de Guitarra de Gevelsberg, Porto — Cidade Europeia da Cultura e Guitarra Viva (Croácia), entre outros. Atua também integrado em vários conjuntos de música de câmara: com flautista Vasco Gouveia, violoncelista Jed Barahal, guitarrista Masakazu Tokutake, soprano Ana Ester Neves, Quartetos de Cordas Lyra e João Roiz, etc.

É o vencedor do 1.º Prémio e Prémio Especial para Melhor Interpretação da Música Espanhola no 13.º Concurso Internacional de Guitarra Doña Infanta Cristina (Madrid, 1998); 1.º Prémio do 3.º Concurso Internacional da cidade de Sinaia (Roménia, 1998); 1.º Prémio do 17.º Certamen Internacional de Guitarra Andrés Segovia (Herradura,

2001); 1.º Prémio e Prémio do Público no 35.º Certamen Internacional de Guitarra Francisco Tárrega (Benicàssim, 2001); 1.º Prémio do 4.º Concurso Internacional de Creta (Arhanes, 2005). É premiado nos concursos em Roma (Itália), Sernancelhe (Portugal) e Charleroi (Bélgica).

Colabora regularmente com várias orquestras como Orquestra ADDA Simfónica de Alicante (Espanha), Orquestra Real de Câmara de Wallonie (Bélgica), Orquestra de Benicàssim (Espanha), Orquestra de Câmara da Eslováquia, Orquestra Sinfónica de Vojvodina (Sérvia), Orquestra Sinfónica das Beiras, Orquestra Clássica do Centro e Orquestra Metropolitana de Lisboa. Em 2017, participa como solista na estreia nacional do *Concierto Mudejar* de A. Garcia Abril, juntamente com a Camerata de Setúbal e sob direção de Kerem Hasan, no âmbito do Festival de Música de Setúbal.

Os seus recitais na Europa, África, América do Norte, América do Sul e Ásia receberam uma forte aceitação por parte do público e da crítica. Revistas e jornais como Ritmo (Espanha), Bremer Umchau (Alemanha), Sunday Herald Times (Indiana-EUA), The Scotsman (Escócia), Slobodna Dalmacija (Croácia) e Oslobodjenje (BiH) publicaram críticas positivas sobre em relação às suas interpretações. A revista espanhola Ritmo descreve Dejan como "(...) corajoso, sensível jovem artista com uma técnica supreendente e uma musicalidade e criatividade em cada nota e frase (...)” (1998). Em Zagreb (Croácia), D. Komanov (janeiro, 2012), escreve o seguinte sobre a arte de Ivanovich: “A sua discografia a solo é constituída por CD *Recital na Laureate Series* da NAXOS (2002) com obras de Matilde Salvador, Anton Garcia Abril, Frederic Mompou, Richard Rodney Bennett, Malcolm Arnold, Gordon McPherson e Francisco Tárrega, e por CD *Mediterraneo* (gravado em 2001, aguarda publicação) com obras de Boris Papandopulo, Vicente Asencio, Antonio José Martínez Palacios, Joaquín Rodrigo, Carlo Domeniconi e Mario Castelnuovo-Tedesco”.

Em 2013, gravou a obra *Em Memória da Madrugada* de Marina Pikoul para guitarra e orquestra com a Orquestra Clássica do Centro, sob a direção do maestro David Wyn Lloyd. Christopher Bochmann, Marina Pikoul, Tomislav Oliver, João Madureira, Jorge Pereira, Ricardo Abreu, Francisco Chaves e Carlos Gutkin são alguns dos compositores que dedicaram as suas obras para Dejan. Integra desde 2004, juntamente com o guitarrista grego Michalis Kontaxakis, o duo de guitarras Kontaxakis-Ivanovich. O primeiro CD deste duo, intitulado *Les Deux Amis* e gravado pelo produtor Hubert Käppel em Colónia (Alemanha), foi lançado em 2010 pela Editora KSG EXAUDIO. Em 2019, o duo Kontaxakis-Ivanovich teve a honra de ser convidado para o concerto de abertura do Festival Internacional de Guitarra José Tomás de Petrer (Espanha), dedicado a Joaquín Rodrigo devido ao 20.º aniversário da sua morte.

Em 2005 cria o Festival Internacional Guitarmania em Lisboa do qual é diretor artístico até 2010. É desde 2007, professor de guitarra no Departamento de Música da Universidade de Évora. É doutorado em Música/ Interpretação desde março de 2015 com o tema *Colaboração*.

Próximos espetáculos

Mário Laginha Trio e Vasco Dantas

NON STOP

Mongrel

13/07 · sáb · 21h30

Mosteiro de Alcobaça · Claustro D. Dinis

Preço: 20€ · Preço com desconto: 15€

Apoio:



RePercussion Trio

NON STOP

OUTROS MUNDOS

Intermitências

13/07 · sáb · 23h30

Armazém das Artes

Preço: 12€ · Preço com desconto: 10€

Parceria:



Ensemble São Bernardo

ROTA DE CISTER

Nuno Margarido Lopes, *piano e direção musical*

Sacro e Eterno

14/07 · dom

Arouca · Igreja do Mosteiro de Arouca

Entrada livre

Concerto inserido na programação "Arouca – História de um Mosteiro: Recriação Histórica"

Parceria:



Apoio:



Ensemble Irini

Lila Hajosi, *direção musical*

Pythia

14/07 · dom · 18h00

Mosteiro de Alcobaça · Refeitório

Preço: 12€ · Preço com desconto: 10€

Co-produção: Festival Jordi Savall

Coro da Banda de Alcobaça

e Ensemble de Cordas

Vera Santos, *direção musical*

Sunrise Mass

17/07 · qua · 21h30

Aljubarrota · Igreja dos Prazeres

Entrada livre mediante reserva de bilhete

Apoio: Freguesia de Aljubarrota e Paróquia de Aljubarrota

Orquestra XXI

Dinis Sousa, *direção musical* · Alena Baeva, *violino*

A Pastoral

18/07 · qui · 21h30

Mosteiro de Alcobaça · Cerca

Preço: 15€ · Preço com desconto: 13€

Orquestra Filarmónica Portuguesa

Oswaldo Ferreira, *direção musical* · Bernardo Santos, *piano*

Eterno Romântico

19/07 · sex · 21h30

Mosteiro de Alcobaça · Cerca

Preço: 15€ · Preço com desconto: 13€

Maria Mendes e Ensemble Darcos

Nuno Corte-Real, *direção musical*

Visiones

20/07 · sáb · 21h30

Mosteiro de Alcobaça · Claustro D. Dinis

Preço: 15€ · Preço com desconto: 13€

Dança em Diálogos

OUTROS MUNDOS

Fernando Duarte, *coreografia*

Requiem – A única censura que deveria existir é censurar a censura

21/07 · dom · 18h00

Cine-teatro de Alcobaça – João D'Oliva Monteiro

Preço: 12€ · Preço com desconto: 10€*

Ensemble São Bernardo

Nuno Margarido Lopes, *piano e direção musical*

Sacro e Eterno

24/07 · qua · 21h30

Igreja Matriz de Pataias

Entrada livre mediante reserva de bilhete

Apoio: Paróquia de Pataias e União de Freguesias de Pataias e Martingança

Bruno Pernadas

OUTROS MUNDOS

Private Reasons

25/07 · qui · 21h30

Mosteiro de Alcobaça · Claustro D. Dinis

Preço: 15€ · Preço com desconto: 13€

Nova Era Vocal Ensemble

João Barros, *direção musical*

Bellum

26/07 · sex · 21h30

Montebelo Mosteiro de Alcobaça Historic

Hotel · Salão da Biblioteca

Preço: 12€ · Preço com desconto: 10€

Parceria:



Banda Sinfónica de Alcobaça

Rui Carreira, *direção musical* · Ana Telles, *piano*

Orgulho Português

27/07 · sáb · 21h30

Cine-teatro de Alcobaça – João D'Oliva Monteiro

Preço: 12€ · Preço com desconto: 10€*

Consulte a programação em www.cisternmusica.com